

Fiama Pereira da Silva
Lucas Arena da Silva
Rebeca Nayara Monteiro

**O rock brasileiro dos anos 90 e seu hibridismo com
diversos gêneros musicais**

Destaque para a banda Chico Science e Nação Zumbi

São Paulo – SP

2014

**CEETEPS – CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA “PAULA SOUZA”**

Etec DE ARTES

Fiama Pereira da Silva

Lucas Arena da Silva

Rebeca Nayara Monteiro

**O rock brasileiro dos anos 90 e seu hibridismo com
diversos gêneros musicais**

Destaque para a banda Chico Science e Nação Zumbi

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
CEETESP – Centro Estadual de Educação
Tecnologia “Paula Souza” – Etec de Artes como requisito parcial para a
certificação do
Curso Técnico em Canto.

Orientador (a): João Lourenço de Paula e Silva

São Paulo-SP

2014

Dedicamos este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
nossa formação acadêmica.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que nos ajudaram ao decorrer da elaboração deste projeto e na execução do mesmo, ao corpo docente, aos músicos, aos colegas de sala e a todos que de forma direta ou indireta contribuíram.

Epígrafe

“O conformismo mata a musicracia – música de todos e para todos. Temos que correr atrás de novas batidas, novo jeito de fazer coisas velhas, sem pretensão de fazer a nova onda, mas sempre com uma preocupação: tem que ser divertido, pois de outro jeito não vale a pena. Só vale com a diversão levada a sério.”

Chico Science

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 - Bandas e descrições musicais	9
Raimundos	9
A canção Cajueiro / Rio das Pedras	9
Charlie Brown Jr.	10
A canção Zóio de Lula	10
Planet Hemp.....	11
A canção Futuro do País	11
Mamonas Assassinas.....	12
A canção Lá Vem o Alemão	12
Los Hermanos	13
A canção Pierrot	13
Chico Science & Nação Zumbi	13
O Mangubeat.....	14
O álbum Da Lama o Caos	16
A canção Rios, Pontes e Overdrives	16
O álbum Afrociberdelia	17
A canção Macô	18
A canção Maracatu Atômico	18
Cap. 2 - Descrição do preparo e execução da apresentação artística...	19
Considerações Finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	22
Anexo.....	23

Índice de figuras

Figura 1 - Capa do Álbum "Da Lama ao Caos", 1994.....	16
Figura 2 - Capa do "Afrociberdelia", 1996.....	17

Introdução

No cenário musical brasileiro dos anos 1990, alguns gêneros musicais predominavam e faziam grande sucesso no país como a música sertaneja, o pagode, o axé, entre outros. Começaram a surgir então, nesta mesma década, bandas que inovaram ao mesclar rock com outros gêneros musicais. Essa mistura de gêneros é chamada de hibridismo musical, que tem como ideia principal a fratura, ou seja, desconstruir para reconstruir algo novo, é um ato de questionar e buscar a inovação.

Ressaltamos a importância do hibridismo no rock nacional da década de 1990 por ter sido uma característica evidente nas composições feitas nessa época pelas bandas selecionadas como objeto de estudo neste trabalho. O hibridismo, porém encontra-se na canção popular no geral.

[...] desde a colonização até sua transformação pelos meios eletromecânicos de reprodução, [a música popular] construiu-se por mesclas e sobreposições de elementos arcaicos, modernos e de diversas origens. Com as combinações entre a harmonia tonal européia e as polirritmias e melodias modais de africanos e indígenas, até a difusão em massa pelas mídias no século XX, a dinâmica da canção popular sempre caracterizou-se pela incorporação de elementos externos e experimentação em novos formatos e instrumentações[...]
(VARGAS, Herom, 2011, p. 2)

Assim, no primeiro capítulo iremos analisar o trabalho das bandas Raimundos, Mamonas Assassinas, Planet Hemp, Charlie Brown Jr. e Los Hermanos durante o período, descrevendo os elementos de quais gêneros musicais estão presentes nas canções que serão interpretadas na apresentação artística. A última banda a ser analisada é Chico Science & Nação Zumbi, que está em destaque neste trabalho.

A escolha da ênfase na banda Chico Science & Nação Zumbi neste trabalho deve-se ao fato desta ter feito parte de um movimento em particular: o *Manguebeat*, que tinha o objetivo de misturar seu rock com músicas regionais e “a preocupação comum de buscar coisas que tivessem relação com a musicalidade brasileira e principalmente pernambucana”¹.

¹ Sérgio Veloso, integrante da banda Mestre Ambrósio, apud Documentário “O Mundo é uma Cabeça – Chico Science e o Manguebeat”.

No trabalho analisaremos tecnicamente as características musicais das bandas citadas ao longo da pesquisa, destacando os elementos híbridos presentes nas canções selecionadas. A partir dessa análise, no capítulo dois descrevemos a apresentação artística onde interpretamos as músicas escolhidas, mantendo e/ou modificando elementos das canções originais, porém respeitando a estética desenvolvida nos anos 1990.

Capítulo 1 - Bandas e descrições musicais

Este capítulo tem como objetivo fazer uma breve introdução sobre as bandas escolhidas e descrever os elementos híbridos presentes em cada canção do repertório.

Raimundos

A banda foi formada em Brasília em 1987, tendo como integrantes, Rodolfo Abrantes (Rodolfo Gonçalves Leite de Abrantes) nos vocais, Digão (Rodrigo Aguiar Madeira Campos) na guitarra, Canisso (José Henrique Campos Pereira) no contra baixo elétrico e Fred (Frederico Mello de Castro) na bateria. O hibridismo está presente no nome da banda, associando uma de suas maiores influências, os Ramones, com algo que remetesse às músicas nordestinas. Rodolfo ouvia forró nas festas de família e tinha como inspiração para suas letras o compositor, cantor e sanfoneiro pernambucano, Zenilton (José Nilton Veras). O Raimundos tem como elemento principal o rock, atrelado a outros ritmos brasileiros como forró e o baião.

A canção Cajueiro / Rio das Pedras

Neste trabalho foi escolhida a canção “Cajueiro / Rio das Pedras” (Domínio público, adaptada por Martin Lutero e Raimundos / Durval Vieira, Zenilton) para ser interpretada. É uma versão de canções regionais nordestinas e está no primeiro álbum do grupo lançado em 1994, intitulado “Raimundos”.

Em “Cajueiro / Rio das Pedras”, assim como em todas as canções do álbum, percebemos a veia cômica do grupo presente na letra com trocadilhos e também na forma de cantar do vocalista abusando de diferentes timbres ao longo da música. Na primeira estrofe da canção Cajueiro, ouvem-se aberturas vocais que remetem à música sertaneja, acompanhadas de ataques de guitarra, baixo e bateria num andamento lento. O timbre do vocalista é forte e estridente, nas duas vozes ouvimos o sotaque nordestino. A partir daí a música segue não mais com ataques, mas com acompanhamento desses instrumentos executando o gênero *hardcore* e o andamento é mais acelerado. Na segunda estrofe o vocal que é rápido e próximo da fala, sola os quatro primeiros versos

e os quatro últimos versos são cantados como pergunta e resposta: o coro canta com abertura de vozes e o vocal responde com um verso.

A segunda parte é a canção Rio das Pedras onde o canto de Rodolfo pode ser comparado à forma de cantar da embolada devido à rapidez na execução das palavras e a presença de trocadilhos na letra, diferencia-se, porém por não ser um improviso de letras entre dois cantores duelando com acompanhamento somente de um pandeiro como acontece no desafio de embolada.

Também nessa segunda parte da canção entram o triângulo e a sanfona executando o baião junto com o *hardcore* do restante dos instrumentos.

Charlie Brown Jr.

Banda brasileira formada em Santos no ano de 1992. Misturou vários ritmos como o reggae e o rap, tendo influências do punk rock californiano. A formação inicial do grupo tinha Chorão (Alexandre Magno Abrão) nos vocais, Thiago Castanho (Thiago Raphael Castanho) como guitarrista, Marcão (Marco Antônio Valentim Britto Júnior) também guitarrista, Champignon (Luiz Carlos Leão Duarte Junior), baixista e Renato Pelado (Renato Perez Barrio) na bateria.

“Fundi e batizei a banda com esse nome em 92. Foi uma coisa inusitada. Trombei (Literalmente) com uma barraca de água de coco que tinha o desenho do Charlie Brown, aquele personagem do Charles Schulz, mais conhecido por ser o dono do Snoopy. E o “Jr” é pelo fato de sermos filhos do rock”, se explica Chorão pelo fato de a banda se considerar “filha” de uma geração de músicos e bandas como Raimundos, Nirvana, Red Hot Chili Peppers, Nação Zumbi, e Planet Hemp.” (SHEIK, Diego, 2012)

A canção Zóio de Lula

A canção escolhida para ser interpretada foi “Zóio de Lula” que pertence ao álbum “Preço Curto... Prazo Longo” lançado em 1999. Algumas letras do grupo fazem críticas à sociedade da perspectiva do universo jovem contemporâneo. Outras tem o amor e a praia como temática que é o caso de “Zóio de Lula”.

Logo na introdução da música ouve-se uma guitarra fazendo a base de reggae para depois entrarem os outros instrumentos e a voz. O andamento da

música é lento e notamos ao longo dela a alternância entre gêneros onde, em alguns momentos, uma guitarra faz a base de reggae e a outra executa acordes com distorções.

Chorão com o timbre grave canta de forma suave e próxima da fala enquanto descreve na primeira estrofe a mulher na praia. No refrão que é repetido duas vezes, a guitarra não executa a base de reggae, e prevalece o *rock* nas guitarras e o vocal é um pouco mais forte. No quarto verso do refrão retorna a base de reggae da primeira guitarra enquanto a segunda executa uma sequência de acordes (*riff*) mesclando o *rock* e o reggae.

A parte A é repetida com suavidade no vocal, sem o acompanhamento da base de reggae que retorna na repetição do refrão com a mescla de gêneros. Há uma ponte instrumental para repetir a parte A e o refrão finalizando a música.

Planet Hemp

Surgiu em 1993 no Rio de Janeiro, num encontro entre Marcelo (Marcelo Maldonado Gomes Peixoto) e Skunk (Luis Antônio). O nome da banda foi tirado da revista americana *High Times*, especializada em canabicultura (cultivo de maconha), e *Hemp*, na língua inglesa, significa cânhamo.

Posteriormente juntaram-se a Marcelo D2 e Skunk (vocalistas), Rafael Crespo, Bacalhau (Wagner Ferreira) e Formigão², trazendo para o *Planet Hemp* guitarra, bateria e baixo, fazendo com que as letras de rap de Marcelo D2 e Skunk recebessem um ritmo novo e original.

A canção Futuro do País

A canção escolhida para estudo foi "Futuro do País", nona faixa do álbum de estreia da banda lançado em 1995, "Usuário". A poética é social, especificamente fala da desigualdade social no Brasil. É cantada como rap no decorrer de toda a música e por ser melodicamente pobre, não será executada na apresentação artística deste trabalho, porém há mesclas de gêneros a serem observadas que acrescentam no estudo do hibridismo.

² Só foi encontrado o nome artístico de Rafael Crespo e Formigão.

A música só tem uma parte, que da primeira vez é executada em samba por um cavaquinho, um pandeiro, um surdo e baixo. Enquanto o vocalista descreve a desigualdade do país, as guitarras aparecem aos poucos no samba. Cessam os instrumentos de samba e há uma ponte instrumental com guitarras, baixo e bateria num andamento bem mais acelerado do que no início da música preparando para a repetição da canção dessa vez no gênero *hardcore*. Em alguns momentos também ouvem-se *scratches* (som produzido pelo DJ ao movimentar o disco para trás e pra frente). Devido ao andamento também é difícil compreender a letra que é cantada. No final da música na gravação original ouvimos um samba executado apenas por um violão.

Mamonas Assassinas

Foi uma banda brasileira formada em Guarulhos em 1990, inicialmente tinha o nome de Utopia. O grupo misturava *rock* com diversos gêneros musicais em suas canções, havendo sempre um caráter humorístico nas mesmas em função das combinações inusitadas e também das performances e interpretação dos integrantes. Dinho (Alecsander Alves Leite) era o vocalista, Bento (Alberto Hinoto) era guitarrista, Júlio Rasec (Júlio Cesar Barbosa) o tecladista e os irmãos Samuel Reoli (Samuel Reis de Oliveira) e Sérgio Reoli (Sérgio Reis de Oliveira) eram respectivamente, baixista e baterista.

A banda, com o nome de Mamonas Assassinas, durou de julho de 1995 até 2 de março de 1996 quando tiveram a carreira interrompida por um trágico acidente de helicóptero. Todos os integrantes faleceram. Os Mamonas tiveram um único álbum de estúdio, "Mamonas Assassinas", lançado em junho de 1995, onde em cada canção o grupo mescla um gênero musical diferente com o rock, havendo presença tanto de gêneros estrangeiros quanto brasileiros.

A canção Lá Vem o Alemão

"Lá vem o Alemão" foi escolhida para este trabalho. A canção mistura um dos ritmos predominantes na década de 90, o pagode, e seu título é uma referência à canção "Lá vem o Negão" do grupo Cravo e Canela. Nessa canção Dinho satiriza os estilos vocais dos cantores Luiz Carlos, do grupo Raça Negra, e Netinho de Paula, então líder do Negritude Júnior.

A temática é amorosa e humorística onde o cantor relata o abandono por parte de sua amada. Na primeira parte que é tocada em ritmo de pagode há percussões e metais. No refrão o gênero que prevalece é o rock com a formação básica da banda: guitarra, baixo e bateria. O pagode volta na segunda parte da música e o refrão é repetido duas vezes, na segunda o rock e o pagode se unem para terminar a música.

Los Hermanos

Los Hermanos se formou no Rio de Janeiro em 1997. Tinha Marcelo Camelo nos vocais e guitarra, Rodrigo Amarante também nos vocais e flauta transversal, Patrick Laplan no baixo, Rodrigo Barba na bateria e Bruno Medina nos teclados. Em seu primeiro álbum de estúdio lançado em 1999, que leva o nome da banda, as canções possuem letras totalmente voltadas para relações amorosas em uma sonoridade pesada, misturando ska com rock.

A canção Pierrot

“Pierrot” foi escolhida para este trabalho por ser uma das misturas mais interessantes do álbum: frevo com rock. Tem uma temática carnavalesca e conta a história do *Pierrot* e *Colombina*³. Na introdução ouvimos saxofone, trombone, trompete executando frevo junto com a guitarra, baixo e bateria. Há uma pausa dos instrumentos enquanto o vocalista canta o primeiro verso, no segundo verso os instrumentos retornam e o andamento da música é acelerado, enquanto o frevo é evidente nos sopros, o restante da banda executa o rock com *ska*. Há uma ponte instrumental com *riff* de guitarra e sopros. Na segunda estrofe, especificamente nos finais de frases e no refrão há abertura de vozes nos *backing vocals*. A mistura de rock, *ska* e frevo é ouvida ao longo da canção.

Chico Science & Nação Zumbi

A formação da banda recifense se deu em 1990 e foi uma junção de dois grupos: o *Loustal*, que tinha como integrantes, Chico Science (Francisco de Assis França / vocal), Dengue (Alexandre Salgues M. Costa / baixo) e Lúcio

³ Personagens do estilo teatral italiano *Commedia dell'Arte*.

Maia (Lúcio José Maia Oliveira /guitarra e *backing vocal*), todos com influências da música negra americana (*rap, soul, funk e rock*) e das músicas regionais pernambucanas (maracatus, cocos, cirandas, caboclinho, cavalo-marinho, etc.) e o bloco de *samba-reggae* chamado Lamento Negro que tinha Jorge Du Peixe (Jorge José C. De Lira), Gilmar Bola 8 (Gilmar Correa da Silva), Toca Ogan (Valter Pessoa de Melo), Gira e Canhoto⁴, que não permaneceu muito tempo na banda e foi substituído por Pupillo (Romário Menezes de Oliveira Junior) como percussionistas. Ao juntarem os grupos, Chico Science sugeriu ao Lamento Negro que tocassem maracatu de baque virado ao invés do *samba-reggae*, pois “considerava que no maracatu havia maior impacto sonoro, por conta do conjunto de alfaias e de seus timbres graves.” (VARGAS, Herom, 2007, p. 110).

Antes de essa junção ocorrer, Chico Science, Jorge Du Peixe e H.D. Mabuse⁵ tinham um projeto paralelo ao *Loustal* que era o Bom Tom Rádio, um laboratório de experimentações sonoras onde foram compostas algumas canções posteriormente gravadas por *Chico Science & Nação Zumbi*, como “A Cidade”, “O Encontro de Isaac Asimov com Santos Dumont no Céu” e “Maracatu de Tiro Certeiro” (Mabuse, 2001, p. 52 *apud* VARGAS, Herom, 2007, p. 110).

Com o nome de Chico Science & Nação Zumbi o grupo fez sua primeira apresentação oficial em 1991 no Espaço Oásis em Olinda. A partir daí, outros grupos de Recife começaram a apresentar suas composições cada qual com suas influências regionais e estrangeiras, porém com o mesmo objetivo, o de movimentar a produção cultural na cidade onde nada de novo surgia há muito tempo e assim se inicia a cena *Manguebeat*.

O Manguebeat

O conceito do movimento Mangue idealizado por Chico Science foi trabalhado por Fred Zero Quatro que em 1992 escreveu e divulgou a imprensa o “1º Manifesto do Movimento Mangue Bit” que posteriormente foi intitulado

⁴ Só foi encontrado o nome artístico de Gira e Canhoto

⁵ José Carlos Arcoverde, *web designer* pernambucano que apresentou Jorge Du Peixe, Chico Science e Lúcio Maia à Fred Zero Quatro e Renato L. integrantes da banda Mundo Livre S/A também pertencente o movimento *Manguebeat*.

"Caranguejos com Cérebro" e impresso no encarte do álbum "Da Lama ao Caos" da banda Chico Science & Nação Zumbi. Versão original do Manifesto encontra-se em anexo neste trabalho.

Observamos no Manifesto a analogia entre a riqueza do ecossistema dos manguezais e a diversidade cultural de Recife. A ideia dos jovens *mangueboys* era trazer à tona essa diversidade, pois a cidade estava musicalmente estagnada e abandonada econômica e socialmente.

A ideia central do Mangubeat era equiparar a produção musical *pop* recifense com o que havia de mais criativo no *pop* internacionalizado, ao mesmo tempo em que aceitavam e utilizavam um rico e diversificado material sonoro tradicional da própria região consubstanciado nos gêneros, ritmos e instrumentos pernambucanos que mais se aproximavam das formas musicais afro-americanas globalizadas (*rock, funk/soul e rap*) e, mais tarde, das músicas produzidas por músicos africanos (Fela Kuti, Manu Dibango, entre outros) ou com que melhor se mesclava com elas. (VARGAS, Herom, 2007, p. 63)

É comum associar o Mangubeat à banda Chico Science & Nação Zumbi por ser a banda que mais se destacou dentro do movimento, porém cada banda pertencente ao Mangubeat tinha uma sonoridade particular. Mundo Livre S/A, Mestre Ambrósio, Querosene Jacaré, Sheik Tosado, Comadre Fulozinha, entre outras, fizeram parte da cena recifense.

O álbum *Da Lama o Caos*



Figura 1 - Capa do Álbum "*Da Lama ao Caos*", 1994

A canção Rios, Pontes e Overdrives

A primeira música escolhida para ser interpretada é "Rios, Pontes e Overdrives", terceira faixa do disco "*Da lama ao caos*". A canção começa com um *sampler* da música *Light/Fireworks*, do grupo britânico *The Fall* com a frase "*At nights, over rivers and bridges*". Entra um gonguê de maracatu, numa sequência regular e contínua, que é mantido ao longo da música, em seguida vêm os baixos e as alfaias produzindo um desenho rítmico próximo ao baião, com a caixa e a guitarra. O canto traz a estrutura de "chamada e resposta", e como resposta à frase "rios, pontes e overdrives", o coro replica: "Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue." Nesta música ainda encontramos o híbrido de cadências do rap e da embolada nos trechos em que se cantam os bairros da cidade e do mocambo/molambo⁶, remetem-se a cantoria de embolada, sobretudo no uso de trava-línguas, recursos que o

⁶ Mocambo : Moradias construídas nas regiões dos manguezais, semelhante as favelas.
Molambo: Pedaco de pano velho, farrapo.

cantador utiliza para vencer um duelo de emboladores e do canto/fala do rapper no hip-hop. (VARGAS, Herom, 2007, p.141)

O álbum *Afrociberdelia*



Figura 2 - Capa do "Afrociberdelia", 1996

A segunda música escolhida é "Macô", do segundo disco do grupo (Afrociberdelia), que de acordo com Chico Science teve uma grande evolução:

"Afrociberdelia é o disco que Da lama ao caos poderia ser, só que não tivemos acesso a uma tecnologia melhor. A gente tem essa coisa de uma crueza que a produção não conseguiu passar para o primeiro disco. Nele Coco Dub é a única faixa em que essa crueza foi alcançada, e um pouco em Maracatu de Tiro Certeiro". (TELES, 2000, p.314 apud VARGAS, Herom, 2007, p. 154)

O Nome do CD, criado por Paulo Santos, um amigo do grupo, já carrega muita intenções de hibridismos que havia no disco anterior. Num texto de abertura no encarte, Bráulio Tavares constrói uma definição enciclopédica ficcional do termo, de uma suposta edição do ano de 2012:

A canção relaciona tradição e tecnologia. No arranjo feito pela banda encontramos na primeira estrofe, sons típicos do maracatu rural, sobretudo do gonguê, ganzá e chocalhos. A partir da segunda estrofe, guitarra, baixo, bateria, e tambores fazem um acompanhamento próximo do funk, mantendo um elemento peculiar ao maracatu que é o rufo da caixa. No intervalo entre a segunda e a terceira estrofe, a marcação predominante torna a ser a do maracatu rural com o gonguê e o ganzá mais nítidos, mas mantendo por sua vez, a batida do funk na bateria. No restante do arranjo, quando Chico canta, o ritmo dominante é o funk, nos intervalos, o destaque está com o maracatu. O hibridismo, neste caso, encontra-se nas possibilidades, não se tem só funk ou só maracatu, mas um criativo trânsito entre seus diferentes elementos instrumentais. (VARGAS, Herom, 2007, p.163)

Cap. 2 - Descrição do preparo e execução da apresentação artística

Para este trabalho foram escolhidas oito músicas para análise do hibridismo musical, das quais sete estavam no repertório das apresentações feitas nos dias 6 e 7 de novembro. A escolha das canções foi feita após a escuta da discografia de cada banda durante o período de 1990 a 1999, identificando os elementos de quais gêneros musicais estavam presentes nas canções, selecionamos de forma que em cada canção aparecesse um gênero musical diferente misturado com o rock.

Os ensaios foram realizados durante as aulas de execução de textos musicais com a professora Geni Barbosa, dando auxílio em técnica vocal, noção de espaço cênico e definição do tom de algumas músicas. Realizamos poucos ensaios fora do horário das aulas, pois, a disponibilidade dos músicos acompanhadores dificilmente coincidia. A formação básica da banda foi guitarra, baixo e cajón. Nas músicas da banda Chico Science e Nação Zumbi, tivemos alfaia e zabumba, em “Lá vem o Alemão”, cavaquinho e pandeiro, e em “Cajueiro / Rio das Pedras”, o triângulo.

A primeira música da apresentação foi “Macô”, mantivemos os elementos de maracatu executados pela alfaia e cajón, e o rock, pela guitarra e baixo.

Em “Pierrot”, a melodia de sopros da canção original foi substituída pela voz e a banda realizou a mescla de frevo e rock. A referência ao frevo, que é um gênero tipicamente carnavalesco, também apareceu nos acessórios onde todos os integrantes utilizaram máscaras de carnaval durante a performance.

Na canção “Lá vem o Alemão”, o cavaquinho e pandeiro se destacam com o pagode na parte A e no refrão prevalece o rock da guitarra. O grupo Mamonas Assassinas era reconhecido por suas performances cômicas, portanto, utilizamos roupas e acessórios para representar a história contada na canção, porém de forma engraçada.

“Zóio de Lula” foi executada pela formação básica da banda mantendo o *reggae rock*.

Em “Cajueiro / Rio das Pedras” o triângulo foi acrescentado à banda na mistura de baião e rock. As intérpretes utilizaram chapéus de cangaceiro como referência ao sertão nordestino.

Acrescentamos à banda a alfaia nas duas últimas canções de Chico Science e Nação Zumbi, sendo que em “Rios, Pontes e Overdrives” incluímos a zabumba.

No segundo dia de apresentação tivemos um desfalque na banda, porém conseguimos executar normalmente as músicas.

Considerações Finais

Neste trabalho foi analisado o hibridismo de diversos gêneros musicais com o rock dos anos 1990 no Brasil. Para melhor compreensão dessa característica, realizamos uma apresentação artística mantendo as características híbridas das canções. Compreendendo os elementos que formam o repertório, foi possível adaptar a instrumentação de acordo com a disponibilidade dos músicos, instrumentos e local da apresentação.

A partir da pesquisa e escuta musical, nossa percepção foi enriquecida, nos ajudando a distinguir cada gênero misturado ao rock, tornando a pesquisa mais objetiva.

Essa busca sonora e timbrística sobre esse hibridismo fez-nos chegar a conclusão que este período fomentou um importante movimento relacionado a esse gênero musical que contagiou toda uma geração.

Referências Bibliográficas

VARGAS, Herom. *Hibridismos Musicais de Chico Science & Nação Zumbi*. Jardins - São Paulo. Ateliê Editorial, 2007.

Mamonas Assassinas. Wikipédia, a enciclopédia livre em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamonas_Assassinas> - acesso 17/10 às 16:00

Da Lama ao Caos. Wikipédia, a enciclopédia livre em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Da_Lama_ao_Caos> - acesso 17/10 às 16:30

Documentário o mundo é uma cabeça – Chico Science e o Manguebeat em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RLuDsN-ptTQ>> - acesso 05/10 às 17:00

SHEIK, Diego. Charlie Brown Jr. em: <<http://www.charliebrownjr.org/blog/historia/>> - acesso 19/10 às 16:25

Raimundos em: <<http://www.raimundos.com.br/>> acessado - 15/10 às 21:15

Planet Hemp. Wikipédia, a enciclopédia livre em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Planet_Hemp> - acesso 15/10 às 20:00

Documentário “Chico science e Nação Zumbi – Mosaicos em: <<http://vimeo.com/55692504>> - acesso 02/10 às 18:00

Universo Musical. Entrevista com Los Hermanos: “talvez sejamos diferentes dessa galera que toca no rádio em: <<http://www.universomusical.com.br/materia.asp?matcomp3=sim&cod=pr&id=164>> - acesso 10/10 às 19:00

Não Toco Raul. Ah, que saudade do Los Hermanos em: <<http://www.naotocoraul.com.br/nao-toco-raul/ah-que-saudades-do-los-hermanos-hardcore/>> - acesso 10/10 às 19:45

Anexo

Mangue, o conceito.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.